

**MEMÓRIA E ESCRITA:
O APOLÍNEO E O DIONISIÁCO EM *TERRA SONÂMBULA***

João Armando Henriques Gonçalves (UFRJ)

joaoarg2011@hotmail.com

Teresa Salgado (UFRJ)

Segundo o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, a crítica socrática aos sofistas e a subsequente valorização da razão em detrimento da imaginação e do ideal dionisiáco, destituíram o mundo grego de sua potência criadora. Os sofistas estabeleceram uma relação cosmológica com o mundo, na qual a potência do falso se afirmava e possibilitava ao homem grego escapar ao estatuto da verdade, em tudo aprisionante e empobrecedor. É neste sentido que o presente estudo pretende analisar a obra *Terra Sonâmbula*, do escritor moçambicano Mia Couto, como uma possibilidade para pensar a arte trágica, na qual o ideal dionisiáco se alia ao ideal apolíneo, conferindo à prosa deste autor um lugar singular e em tudo contrastante com a racionalidade moderna. A escrita desse autor, permeada de personagens que estabelecem uma relação íntima com o cosmos, proporciona outra relação com o tempo e por conseguinte, com a formação da memória. Em *Terra Sonâmbula*, a memória coletiva se afirma através dos ditos populares e lendas ancestrais que nesta obra ensejam a formação de universos de referência especialmente relacionados ao espaço do sonho, a um campo de possíveis que se mostra solidário à capacidade humana de fabular e transfigurar o real. Deste modo, procurar-se-á pensar a obra de Mia Couto como um espaço privilegiado de invenção e transfiguração do real, utilizando como apoio teórico para nossas problematizações a obra *O Nascimento da Tragédia*, de Friedrich Nietzsche, e a obra *Matéria e Memória*, do pensador francês Henri Bergson, que nos fornecerão subsídios para pensar a questão do tempo e da memória em Mia Couto.